

O EXILADO NA PRÓPRIA TERRA: O K DE COETZEE

FIORUCI, Wellington Ricardo*

RESUMO: O romance *Vida e época de Michael K* (1983) apresenta com bastante propriedade o viés político e social que marca a linguagem do escritor sul-africano John Maxwell Coetzee, autor contemporâneo agraciado com o prêmio Nobel de literatura. No texto em questão, acompanhamos a história particularmente trágica do personagem que dá título à obra, cuja trajetória de vida simboliza a dimensão quase subumana a que estão sujeitos indivíduos marginalizados como ele no espaço inóspito da realidade segregacionista da África do Sul da segunda metade do século XX. Coetzee investe com argúcia na sensibilização dos narradores que ocupam as duas partes da obra, de forma a projetar o plano da recepção para o mesmo plano das vivências de K. Desta forma, o leitor se solidariza com as dificuldades do personagem e, ao passo que este vai se desumanizando diante da crescente exclusão de que é vítima, a leitura vai de forma paralela se humanizando.

PALAVRAS-CHAVE: Coetzee; África do Sul; literatura contemporânea.

ABSTRACT: The novel *Life & Times of Michael K* (1983) very adequately presents a social and political bias that marks the 2003 South-African contemporary Nobel prize winner in Literature John Maxwell Coetzee. In the aforementioned text, we follow the particularly tragic history of the character which entitles the book and whose life trajectory symbolizes the almost subhuman dimension to which are exposed all those who are marginalized as K himself in the inhospitable space of South Africa's segregational reality in the second half of the 20th century. Coetzee wittingly invests on sensitizing the narrators who occupy the two parts in the book, as to project the layer of reception to the same layer of K's experiences. In this way, readers sympathize with the character's difficulties and, while the latter goes on dehumanizing himself before the growing exclusion of which he is victim, readers are able to humanize themselves in a parallel way.

KEYWORDS: Coetzee; South Africa; contemporary literature.

* Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis) na área de Literatura Comparada. Atualmente desenvolve projeto de pós-doutoramento na UFRGS e é professor no curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco.

INTRODUÇÃO

Todos nós malogramos quanto a alcançar nosso sonho de perfeição.
William Faulkner

Em 2003, o prestigiado prêmio Nobel de Literatura foi concedido a um escritor branco, porém se tratava de um branco que representava a cultura negra e marginalizada de seu país, a conturbada e dividida África do Sul. John Maxwell Coetzee, escritor consagrado mesmo antes de ser agraciado com a premiação máxima da academia sueca, atraiu ou concentrou reflexivamente os holofotes críticos e midiáticos para uma realidade reconhecidamente problemática, designativa de um processo histórico de colonização imperialista que legou profundas heranças negativas para o povo sul-africano. A literatura de Coetzee, bem como a notória luta de Mandela, é responsável por colocar na mesa de debates o discurso do pós-colonialismo, um dos pensamentos críticos mais em voga nos últimos anos e que indubitavelmente têm repercutido nas premiações como o Nobel.

No romance de Coetzee ora sob análise, *Vida e época de Michael K*, é possível perceber o quão significativo pode ser o encontro entre as perspectivas pós-colonial e pós-moderna, levando em conta, sobretudo, o princípio de que, no tocante ao pós-colonial: “o seu pós-, como o de pós-modernismo, é também um pós que desafia as anteriores narrativas de legitimação. E desafia-as em nome das vítimas sofredoras de ‘mais de trinta repúblicas africanas’”. (APPIAH, s/d, p.18). A história de Michael K pode servir como ponto de encontro entre as tendências teóricas que buscam explicar as sociedades contemporâneas. Acima de tudo, porém, a sua história é o ponto de encontro entre as múltiplas vozes que clamam por atenção após um longo silêncio que as manteve à margem da história.

O K DE COETZEE: INTERTEXTOS, ECOS DE VOZES E SILÊNCIO

Para a catástrofe, em busca da sobrevivência, nascemos.
Murilo Mendes

Apesar de seus quase vinte anos, *Vida e época de Michael K* (*Life and times of Michael K*, 1983) mantém intacta a amargura de sua prosa seca, cujo gosto de fel parece sair da boca do protagonista do romance. Protagonismo, contudo, não parece ser efetivamente o papel social destinado a um ser como Michael K, quem aos olhos do leitor parece realmente que: “Não é

deste mundo” (COETZEE, 2003, p.165), confirmando a afirmação feita pelo médico narrador da segunda parte do romance. Tal constatação reforça a tese de Luke Strongman, na qual este afirma que Michael é uma espécie de ser intocado pela história: “*Michael seems ‘untouched by history’ and set outside time*” (STRONGMAN, 2002, p.83, grifos do autor).

Michael K é um desses personagens que alegorizam um estrato social que de tão estranho e incômodo chega a se tornar invisível socialmente, de forma que não surpreendem atitudes truculentas ou de indiferença em relação a ele, tal como no momento em que o mesmo tenta um passe para sair da cidade arrasada onde se encontra: “[...] ‘Vou dizer pela última vez, se derem o passe, o passe chega. Não está vendo esta gente toda esperando? Não está entendendo? É idiota, ou o quê? *Próximo!*’” (COETZEE, 2003, p.27-8, grifos do autor), ou mais tarde quando morre sua mãe e ele vai buscar os pertences dela: “‘Por que estão me dando isto?’ Perguntou. ‘Não pergunte para mim’, respondeu a menina. ‘Vai ver que alguém deixou aí.’ Ela não olhava na cara dele”. (COETZEE, 2003, p.42).

Com efeito, o título deste romance nos aponta para ao menos duas intersecções semânticas, bastante reveladoras dos sentidos implícitos nas raízes mais profundas do texto. O binômio “vida e época” guarda em si um percurso a um só tempo uno e coletivo da sociedade sul-africana, à qual pertence Michael K, um despossuído de todas as condições humanas: biológica, dado o problema da fissura no palato que lhe inibe a fala; filial, posto que órfão de pai; social, já que nasce em um lar destituído de qualquer apoio governamental, além de se tratar muito provavelmente de um negro em terras onde vigora o regime do apartheid; econômica, dada a origem pobre.

Neste sentido, *Vida e época de Michael K* reflete de forma crítica a realidade sul-africana por meio do indivíduo que sofre na pele (poder-se-ia dizer, sobretudo, por sua “pele”) as contingências históricas que assolaram o continente e o país, permitindo-nos, deste ponto de vista, uma leitura arquetípica ou alegórica: “*The story has an elemental simplicity that lends itself to conventional allegorical reading, although this is not exclusively a political allegory.*” (ATTWELL, 1993, p.94).

Vítima da ganância da empresa colonizadora europeia, a África, de forma geral, seja ela subsaariana, negra, muçulmana ou tribal, foi aquinhoadada, explorada de infinitas maneiras, tanto no período Ressurgente (1500 a 1870) quanto na era da Colonização (1870-1960) (CANÊDO, 1992).

Nesse sentido, a história do sujeito protagonista deste romance (a “vida” do título, que no caso de Michael K é quase uma semivida) situa-se em um período assaz significativo para o conjunto da história do país (a “época”), já que retrata os conflitos civis que o assolaram, consequência de um processo de intenso reforço da política segregacionista nos governos da NP (Nationalist Party) adeptos incondicionais do regime do apartheid.

(MAZRUI; WONDJI, 2010).

Contudo, o romance não situa sua narrativa em uma temporalidade histórica marcada, ao contrário do espaço, neste caso claramente definido com referências a Cidade do Cabo, Prince Albert, a região do Karoo, dentre outras. Ainda assim, é possível decodificar o recorte histórico por meio de alusões a um estado geral do país que passa por um conflito civil de grandes proporções: há toques de recolher, campo de refugiados, ondas migratórias, construções abandonadas. A época do protagonista é um período conturbado, referência direta à África do Sul em meio à crise social e política de contestação ao apartheid. Neste turbilhão da história encontramos Michael, um rosto comum em meio à massa com o qual nos identificamos pouco a pouco, pois acompanhamos sua história feita de miséria, perda e solidão, mas, sobretudo, de silêncio.

Por outro lado, o nome do personagem que completa o título, Michael K, conduz a leitura para um interessante diálogo entre Coetzee e Kafka, dado que este último nomeou o protagonista de seus clássicos *O Processo* (1925) e *O Castelo* (1926) com a mesma consoante seca e surda que completa a identidade do protagonista de Coetzee. Seguindo este raciocínio de filiação textual, o K. de Kafka nomeia em primeira instância o personagem tcheco, que é tratado no romance de Kafka por K. e não por Josef (KAFKA, 1985; KAFKA, 2000), e o K de Coetzee vem a ser herdeiro daquele, pois leva o nome de seu duplo como um sobrenome, na medida em que é tratado pelo narrador como Michael.

O “K” talvez mais do que uma menção ao autor destes dois romances possa também aludir foneticamente à realidade social que seu protagonista vivencia. *Mutatis mutandis*, a experiência do K sul-africano não difere muito do K. tcheco, na medida em que ambos parecem sofrer da mesma angústia de uma realidade absurda que os engole como em um labirinto social consolidado pelo *nonsense* e a incomunicabilidade.

The transfiguration of the elements of fiction to the field of writing is a developmental feature of Coetzee's novels, reinforced by the fictionalization of certain features of deconstruction, but it is in Kafka that this movement is clinched. There are obvious links between the state of civil anomie through which South Africa is passing in Michael K and the nightmarish world of The Trial and The Castle. Doubtless, “K” is a nod to these Works. (ATTWELL, 1993, p.101)

O recurso intertextual empregado por Coetzee é bastante significativo dos procedimentos narrativos da ficção contemporânea na medida em que esta se apoia amplamente no diálogo entre obras e autores, perspectiva que segundo Linda Hutcheon “[...] é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do

leitor.” (HUTCHEON, 1991, p.157).

A releitura de Coetzee da poética kafkiana, cabe frisar, encapsulada na presença do personagem K, não possui aquele tom paródico de caráter irônico que consolida a desconstrução literária pós-moderna, estratégia que pode ser observada em outro romance do autor, *Foe* (1986). Do ponto de vista da poética do autor: “*Coetzee positions Foe in the discursive field of postcoloniality, but he does so in peculiarly South African terms. Based on a revision of Robinson Crusoe, the novel develops a characterology of the relations of power between the metropolitan center and the settler-colonial and native sectors of colonial society.*” (ATTWELL, 1993, p.101-02).

Assim, entende-se que *Foe* é uma resposta ao clássico inglês, mas uma resposta que se traduz em subversão do cânone. Enquanto Defoe constrói o criativo e dominador Robinson Crusoe, um narrador que representa a figura masculina do branco europeu, o narrador em Coetzee é uma mulher europeia, Susan Barton, a qual é forçosamente impelida à convivência com Cruso (alusão à Crusoe, de Defoe, uma clara supressão do sujeito, de sua identidade, conforme se depreende da falta do “e” final), um homem resignado à sua condição de naufrago, e seu criado Friday, o nativo sem voz.

Em *Vida e época de Michael K* o diálogo se faz de forma a ressemantizar a obra kafkiana com vistas à ampliação potencial do sentido recuperado, de forma que se poderia mais apropriadamente classificar tal recurso como pastiche. O pastiche, na concepção de Silviano Santiago, recurso do narrador pós-moderno, diferentemente da paródia dessacralizadora modernista, não busca o gesto iconoclasta, destruidor. Ele é, na verdade, a um só tempo reverência e também a inclusão de novas vozes, novas perspectivas. “Assim, saindo da paródia e da ironia com relação ao passado, e passando para o pastiche, o artista pós-moderno incorpora a tradição e o passado de uma maneira onde a confiabilidade seria a tônica, respaldada pelo pluralismo.” (SANTIAGO, 2002, p.116).

De certo modo, o que se coloca em pauta aqui é a relação intertextual que aproxima no tempo os romances de Kafka e o de Coetzee, isto é, a relação dialógica entre presente e passado, ou a permanência do discurso da tradição, para que fiquemos ainda na companhia de Silviano Santiago, e neste caso, o pós-modernismo comunga das estratégias pós-coloniais de revisitação do passado com um olhar que seja destituído das amarras políticas e sociais que condicionam o indivíduo por meio do poder dos discursos.

A escrita do segundo romance ao dialogar com o primeiro traz as marcas, as experiências literárias e sócio-históricas deste. Nesse sentido, o que se mantém em relação aos textos kafkianos é a permanência do discurso da resistência:

Coetzee's muted affirmation of textual freedom, his attempt to produce the narratological equivalent of deconstruction's gesture of erasure, gains force from this description because we are able to see it in its sociocultural light. Kafka's creature in "The Burrow" is sustained by a similar urgency: Gilles Deleuze and Félix Guattari's description of Kafka as producing a "minor" literature, which involves writing in German, in Prague, and as a Jew, clarifies the connection: Kafka's narrative drive, in which "expression precedes content", is a form of defense and resistance to entrapment. (ATTWELL, 1993, p.102-03).

Em Coetzee, porém, esta resistência da palavra que alimenta o narrador kafkiano, que é a própria manutenção da vida, em oposição ao silêncio, que é a morte, ganha outra nuance. Talvez deixe de ser resistência para ser resiliência, ou seja, Michael K, apesar de tudo, sobrevive. Cada vez mais desmaterializado, é verdade, de uma coerência e coesão históricas e sociais, cada vez mais preso em si mesmo. É assaz interessante nesse sentido a significativa passagem em que o médico, narrador homodiegético, reflete sobre o protagonista:

Michaels sempre me fez pensar que alguém juntou um punhado de poeira, cuspiu em cima e moldou na forma de um homem rudimentar, cometendo um ou dois erros (a boca, e sem dúvida o conteúdo da cabeça), omitindo um ou dois detalhes (o sexo), mas acabando por chegar a um genuíno homem de terra, o tipo de homenzinho que se vê na arte camponesa entrando no mundo por entre as pernas grossas de sua mãe-hospedeira com os dedos já em gancho e as costas já tortas para viver em buracos, uma criatura que passa a vida curvada sobre o chão, que quando afinal chega o momento abre a própria cova e desliza tranquilamente para dentro dela, e puxa a terra pesada para cima da cabeça como um cobertor, dá um último sorriso, vira de lado e mergulha no sono, de volta para casa afinal, enquanto em algum lugar distante, sem serem notadas, as rodas da história continuam girando. (COETZEE, 2003, p.187)

Este longo excerto carrega uma série de reflexões significativas para a compreensão da própria obra e da essência do personagem. O médico narrador situa-se na metade do relato e sua voz discursiva é uma ponte que se abre entre o começo e o fim do romance, uma espécie de pausa em que o leitor acompanha a elaboração do pensamento do médico sobre Michael K. O médico do acampamento de reabilitação, o campo de refugiados, tem uma visão branca liberal sobre o excluído Michael.

Contudo, há aspectos discursivos que nos fazem acessar seu pensamento com algumas ressalvas, e o primeiro deles refere-se ao desconhecimento simbólico do homem que ele trata: Michael passa a ser Michaels e este "s", índice de plural, pode nos levar a duas interpretações:

Michael pode ser qualquer um e, portanto, não tem identidade própria, inexistente, tal qual se supõe quando o narrador diz que se omitiu inclusive o sexo. Ou Michael por não ter uma identidade única pode ser qualquer outro e assim ele simbolizaria a contingência dos excluídos do apartheid. Talvez devamos considerar a questão da alteridade a partir da questão da incompatibilidade de mundos que ali se encontram, tema vital para o pós-colonialismo.

Na voz do médico resgata-se o texto bíblico, mas a intertextualidade aqui possui um tom desconstrutivo, muito ao gosto pós-moderno, pois se desfaz a leitura telúrica do texto sagrado para dar vazão a um gênesis dessacralizado: o barro deste homem é misto de cuspe e poeira e isso só pode levar ao rudimentar sujeito que é Michael K. Mas o erro aqui não é de uma força divina, mas sim uma série de eventos históricos que culminaram na sociedade sul-africana. Por isso Michael já nasce meio bicho, e por assimilação a mãe ganha a forma de uma hospedeira. O peso do mundo lhe encurva as costas e desde o nascimento o prepara para a morte, par o retorno ao seu lugar de pertença: a terra. A terra é sua liberdade e sua prisão, sua única salvação e também sua exploração. Nada mais sugestivo e ambíguo que Coetzee tenha dado ao seu protagonista o conhecimento do jardineiro, da terra: “Descobriu que ficava excitado de dizer, negligente, a verdade, a verdade sobre mim ‘Sou jardineiro’, repetia alto.” (COETZEE, 2003, p.209, grifos do autor), exteriorização que denota sua autoafirmação, expressão de orgulho de sua condição, negligente na medida em que não se importa com a verdade fora de si, a tal ponto que importa apenas a si sua própria verdade. Como um jardineiro, Michael planta para os outros, prepara a terra para outro. Não se pode perder de vista que O K de *O castelo* era também um homem da terra, um agrimensor, de modo semelhante apanhado pelo sistema por seu próprio ofício: ele é contratado pelo senhor do Castelo e se vê imerso em um espaço de estranhamento, de não-reconhecimento.

Michael é insignificante demais para ser notado, para fazer alguma diferença. E apesar dele, para além dele “em algum lugar distante, sem serem notadas, as rodas da história continuam girando”. Aqui novamente é necessário que o leitor pense que talvez não apenas Michael desconheça o processo histórico que o vitima, mas que a própria sociedade, por ignorância ou negligência, não se conscientiza da marcha da história, ininterrupta, assustadoramente irrefreável. Novamente nos remetemos a Kafka, em cuja obra *O processo* vemos o indivíduo K incapaz de escapar ao absurdo do sistema que o aprisiona e o mata, a mais cruel metáfora para a ideia de vítima anônima. O K de Coetzee sobrevive, mas não mais do que “sobre-vive”, isolado, sem rosto, engolido pela força da história.

The absence of any meaningful relationship between Michael K and anybody else... means that in fact we are dealing not with a human spirit but an amoeba, from whose life we can draw neither example nor warning because it is too far removed from the norm, unnatural, almost inhuman. Certainly those interested in understanding or transforming South African society can learn little from the life and times of Michael K. (GORDIMER, apud ATTWELL, 1993, p.92)

Em artigo publicado ainda no início da década de 90, Attwell, especialista na prosa de Coetzee, já afirmava que os personagens do escritor sul-africano têm mais em comum com Kafka do que se comparado a quaisquer outros referentes à tradição africana (ATTWELL, 1990). Nesse sentido, quando Michael K acorda em seu buraco, no qual se esconde do mundo: “Tinha agora uma caverna ou toca de quase dois metros de profundidade.” (COETZEE, 2003, p.117), o vemos mais como um bicho do que um ser humano, constatação que nos remete inevitavelmente ao já arquetípico Gregor Samsa, de *A metamorfose*, ou ainda ao conto “A toca”.

Quando minha mãe estava morrendo no hospital, pensou, não foi para mim que olhou, mas para alguém que estava atrás de mim: a mãe dela ou o fantasma da mãe dela. Para mim, ela era uma mulher, mas para ela mesma, ainda era uma criança chamando a mãe para segurar sua mão e ajudar. E a mãe dela, na vida secreta que a gente não enxerga, foi criança também. Eu venho de uma linhagem de crianças sem fim. (COETZEE, 2003, p.136)

A reflexão de Michael é um mergulho psicológico que traz à tona uma perspectiva histórica. Antes de mais nada, a orfandade de Michael é pungente, não apenas pela perda de sua única referência no mundo, mas por esta representar a orfandade da população negra, pobre, excluída no regime colonial e pós-colonial do apartheid. A visão do fantasma das gerações passadas expressa por Michael representa um ciclo de gerações também órfãs que assombra a memória individual e liga de forma coletiva e inextricável o presente ao passado.

O indivíduo naquele momento vislumbra rostos que o conectam à memória de um povo e o faz por meio da dor não apenas dele, mas da mãe, de outro ser, portanto: neste caso, trata-se de uma imagem que fortalece o discurso da alteridade tão importante para os “pós-conceitos” todos. Por certo, as duas últimas orações deste excerto sintetizam de forma metafórica a posição do indivíduo no turbilhão da história visto pelo prisma ficcional: “a vida secreta” à qual alude Michael pode ser a própria memória ou o imaginário do indivíduo, sendo ambos acessíveis apenas pelo olhar da literatura que nos permite o pensamento de Michael, que nos garante o romance de Coetzee. O sintagma “sem fim”, à luz desta leitura, faz pensar

na ideia de uma linhagem, um povo, cujas crianças, ou gerações, não têm ainda à frente uma perspectiva, leitura otimista se pensarmos que a história do país ainda está em construção, e derrotista se pensarmos na falta de horizonte para as novas gerações herdeiras dos vícios coloniais.

O processo de embrutecimento de K vem precedido pela sua crônica incomunicabilidade, fruto de sua marginalização social, seja pela pobreza, orfandade ou pela deficiência fonológica. Mesmo às portas de uma tragédia pessoal, a morte iminente da mãe, o personagem não consegue impor-se ou exaltar-se. Quando chega ao hospital para pedir tratamento à mãe moribunda, responde à indiferença e ao cruel tratamento com subserviência:

Com o coração apertado de medo, correu para a enfermeira no balcão e puxou sua manga. “Por favor, venha ver, depressa!”, disse. A enfermeira soltou-se. “Quem é você?, ela chiou. Seguiu até a maca e tomou o pulso de sua mãe, *olhando ao longe*. Depois, *sem dizer uma palavra*, voltou ao balcão. K ficou na sua frente *como um cachorro manso* enquanto ela escrevia. Ela virou-se para ele. “Agora escute aqui”, disse num sussurro duro. “Está vendo toda essa gente aqui? [...] Estamos trabalhando vinte e quatro horas por dia para atender essa gente [...] Entendeu isso, ou é difícil demais entender?” K *desviou os olhos*. “Desculpe”, *resmungou, sem saber o que mais dizer* e voltou para o pátio. (COETZEE, 2003, p.36-37, grifos meus)

Durante a quase totalidade do romance temos acesso aos pensamentos do personagem e não à sua voz. São raras as passagens em que ele se comunica com outros personagens, prevalecendo gestos com a cabeça ou resmungos. É palpável seu desconcerto, por exemplo, diante do jovem Visagie, neto do proprietário da fazenda no Karoo aonde ambos foram se refugiar. K sente-se desde o início diminuído, encurralado, embora o outro queira apenas esconder-se ali, como ele:

K tirou seus sacos da cozinha e levou para um dos quartos na encosta, deixando a casa para o novo Visagie. Sentiu a velha burrice sem esperança invadi-lo, e tentou reagir. Talvez ele fique só um ou dois dias, pensou, quando perceber que não tem nada para ele aqui; quem sabe é ele que vai embora e eu fico. Mas o neto, foi o que veio à tona, não podia ir embora. (COETZEE, 2003, p.73)

Percebe-se no excerto que K chega a pensar em uma reação, mas esta tentativa se dá apenas em sua mente, no nível do pensamento, e nunca se concretiza em ação. Os diálogos com o neto dos Visagie são apenas sessões de pergunta e resposta. Ainda ecoam anacronicamente relações de senhor e escravo, de colonizador e colonizado. Lyotard, em seu texto

intitulado “Glosas sobre a resistência”, discute a questão da resistência da memória na arte, abordando em especial a relação de poder entre dominante e dominado:

[...] é uma coisa conceber essa espécie de insinuação do Senhor no escravo, é outra fazê-la sentir. Para a fazer sentir ao leitor, não basta representá-la, como num quadro. É preciso que a combinação da resistência e do enfraquecimento ocorra na própria escrita. É preciso que a escrita faça sobre si-própria, nos seus pormenores, na inquietação das palavras que vêm e que não vêm [...]. (LYOTARD, apud PETERSON, 2000, p.19)

Apesar de ambos os personagens estarem numa mesma situação, escondendo-se do mundo, as marcas da hierarquização social estão impregnadas em sua identidade, graças a um estruturado sistema de reprodução daquilo que já se chamou de violência simbólica (BOURDIEU, 1975). Os muitos anos de opressão, de silenciamento imposto pelos regimes de segregação e de exploração deixam marcas indelévels nos indivíduos. A literatura, ao libertar a memória do julgo da opressão do passado oficial, cumpre seu papel artístico de narrar o inenarrável:

A imaginação apresenta-se [...] como o meio para enfrentar a crise do testemunho. Crise que, como vimos, tem inúmeras origens: a incapacidade de se testemunhar, a própria incapacidade de se imaginar o *Lager*, o elemento inverossímil daquela realidade ao lado da imperativa e vital necessidade de se testemunhar, como meio de sobrevivência. A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. (SELIGMAM-SILVA, 2008, p.70)

Em um diálogo, ou quase monólogo mais adiante, é ainda mais singular o sentimento de deslocamento e intimidação que K fomenta em si mesmo. Assim, a voz do outro é para K um instrumento de sujeição, de tal forma que: “As palavras, independentemente do que pudessem significar, acusação, ameaça, reprimenda, parecem sufocar K.” (COETZEE, 2003, p.77).

Reflexo de toda uma vida à margem da sociedade de direito, notamos nele a incorporação do discurso do poder, segundo o qual pessoas como ele fazem parte de uma classe de pseudo-cidadãos a escorar-se em migalhas, um verdadeiro ostracismo social que lhes incute o sentimento da insignificância. Ainda que o jovem Visagie não tenha em nenhum momento acusado, ameaçado ou reprimido K, em seu discurso ecoam traços de uma história secular de colonização ainda vivos no presente de ambos.

Seus avós, proprietários da fazenda, foram patrões e, na outra ponta, os ascendentes de K foram empregados, sistema que se perpetuou por muito tempo na sociedade sul-africana, a exemplo de outros territórios colonizados, e que mesmo após o fim do período de colonização e o conseqüente regime de segregação mantém vivas as cicatrizes desse processo histórico na cultura. Segundo Foucault: “Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, esquivar-se de sua pesada e temível materialidade.” (FOUCAULT, 1996, p.09).

Para o filósofo francês, a essência de nossas vidas estaria inexoravelmente ligada ao funcionamento político da sociedade na qual nos encontramos, já que estamos sujeitos às regras sociais condicionadas pelos discursos dominantes que reprimem o corpo social.

Sendo assim, é preciso frisar que, se os pais do rapaz Visagie foram outrora senhores de seus domínios, os de K foram muito diferentes. Da mãe, miserável, restam-lhe as cinzas e poucas boas lembranças: “Ano após ano, Michael K ficou sentado em cima de um cobertor vendo a mãe limpar o chão dos outros, aprendendo a ficar em silêncio.” (COETZEE, 2003, p.10). Já em relação à paternidade, segundo o personagem: “[...] meu pai foi Huis Norenius. Meu pai foi a lista de regras na parede do dormitório, as vinte e uma regras cuja primeira era ‘Haverá silêncio nos dormitórios em todos os momentos’, e o professor de marcenaria que não tinha alguns dedos, que torcia minha orelha quando a linha não estava reta.” (COETZEE, 2003, p.122).

Esta animalização do indivíduo pode ser vista como a ineficiência do Estado e dos demais partícipes sociais, cidadãos plenos, em dar a Michael K e outros indivíduos à beira do colapso humano uma oportunidade de se inserirem de fato na dinâmica social. Talvez, como já havia afirmado o próprio Coetzee: “*Life and Times of Michael K is about a time it is too late for politics.*” (COETZEE, 1987, p.462).

Em *Vida e época de Michael K* a arte reafirma a sua inerente dimensão crítica, ao propor em termos históricos e ontológicos a desconstrução daquilo que Edward Said chamou de “a natureza do poder colonial” (SAID, 1995, p.34). A escolha da epígrafe do romance é um gesto inaugural, que serve de cicerone para a leitura crítica que se segue: “A guerra é pai de tudo e rei de tudo. Alguns mostra como deuses, outros como homens. Alguns escraviza, e outros liberta” (COETZEE, 2003).

A narrativa, nesse sentido, (re)constrói uma África do Sul por meio das pegadas de um ser que mais parece um espectro, sobretudo socialmente, pois revela-se destituído de qualquer representatividade por direito como um cidadão. Ironicamente, temos a perspectiva deste personagem por meio de seu silêncio, e não de sua “voz”.

Tal estratégia narrativa evoca as sequelas deixadas pelo poder durante anos de uma sistemática política de opressão, a tal ponto que o oprimido perde mesmo a sua capacidade de simplesmente comunicar-se. Acentua-se no romance tal simbologia com a gradativa animalização de K, sua desumanização *in process*, que culmina metaforicamente na aniquilação física de seu ser.

O silêncio de K, contudo, não significa a sua falta de sensibilidade. Temos acesso aos seus pensamentos, suas impressões, sua história, e, assim, podemos acompanhar de dentro pra fora do próprio personagem a tensão com a realidade. No entanto: “Sempre que tentava se explicar para si mesmo, sobrava um espaço, um buraco, um escuro diante do qual seu entendimento empacava, no qual era inútil jogar palavras.” (COETZEE, 2003, p.128).

Se o silêncio é contraditoriamente sua forma de se comunicar, dado o alto grau de exclusão que vivencia em seu próprio país, seu grande conflito revela-se mesmo dentro de si. O sistema o vitimou de tal maneira que as palavras, sinônimo neste caso de razão, veículo de comunicação, são para ele inúteis, pois ele está condicionado a ser um pária naquela sociedade.

Lembrou-se de Huis Norenius e da sala de aula. Entorpecido de medo, olhou o problema à sua frente enquanto o professor passeava entre as carteiras, contando os minutos até o momento de baixarem os lápis e se dividirem, as ovelhas e os cabritos. [...] Qual é o quociente? Ele se viu escrevendo 12, se viu escrevendo 6. Não sabia o que fazer com os números. Riscou os dois. Ficou olhando a palavra *quociente*. Ela não mudava, não se dissolvia, não revelava seus mistérios. Vou morrer, pensou, sem nunca saber o que é quociente. (COETZEE, 2003, p.128, grifo do autor)

A educação representa a aprendizagem social no indivíduo, seu disciplinamento e condicionamento à racionalidade, ao sistema ideológico que rege a sociedade, de forma que o aprendiz deve apreender neste processo o funcionamento da dinâmica das relações humanas. No fragmento fica claro que K não absorveu este processo, ou seja, ele não está inserido na civilização, tendo em vista que esta, sobretudo no mundo ocidental, sustenta-se na razão transmitida pela educação.

Trata-se, portanto, de um ser desde cedo órfão não apenas de pai, mas de toda forma de afetividade e inclusão social. Seu próprio nascimento é uma aberração, como assevera este excerto: “Mas desde o começo Anna K não gostou da boca que não fechava e da carne viva e rosada exposta para ela. Estremeceu ao pensar no que havia crescido dentro dela aqueles meses todos.” (COETZEE, 2003, p.09). A aberração revela-se mais do que a deformação incrustada nos lábios leporinos, pois define o próprio personagem como um ser destinado ao ostracismo social, à solidão: “Ficava melhor quando estava sozinho.” (COETZEE, 2003, p.10).

A narrativa nos faz vivenciar na pele o embrutecimento social a que está exposto o indivíduo e que o leva a isolar-se do mundo para proteger-se, como um animal em extinção. No seu duplo movimento poético, a narrativa de Coetzee nos humaniza ao mostrar o processo gradual de desumanização de Michael K. Coloca-nos, desta forma, frente a frente com um retrato contumaz da história, na qual nos deparamos com o pior e o melhor do ser humano.

Sem dúvida, predomina na narrativa o tempo histórico demasiado humano dos conflitos mesquinhos e das relações de indiferença, mas há também momentos de redenção, como na carona oferecida por um estranho a ele e à mãe, ou na amizade compartilhada com Robert no campo de refugiados. Há ainda outros momentos como este, seja no tratamento humano oferecido pelo médico narrador da segunda parte do romance, seja na solidariedade dos estranhos quando Michael foge do campo de refugiados e chega ao litoral. Mas o mar aqui não é sinônimo de liberdade. Michael é ainda um prisioneiro do sistema, um exilado na própria terra.

Encerrando este artigo, lembremos de Michael K encerrado em sua condição de eterno órfão “Todos estes anos e ainda tenho cara de órfão.” (COETZEE, 2003, p.208), a quem só resta a caridade alheia, as migalhas do sistema. A Michael K resta uma esperança que ele mesmo nutre, mas que de perto percebemos que sequer é um signo concreto de esperança, é apenas o apego ao fio tênue da existência. Sua esperança é, portanto, desespero dissimulado, sua existência é uma não-existência: para ser, ele não pode ser, conforme se depreende do final do romance e sua marcha rumo ao início: “Pelo menos, pensou, pelo menos não fui esperto, e voltei para Sea Point cheio de histórias de como me batiam nos campos, até eu ficar magro feito um espeto e de miolo mole. Eu era mudo e burro no começo, vou ficar mudo e burro até o final.” (COETZEE, 2003, p.208).

O romance não nos permite fazer-nos de surdos, pois Michael K não tem o dom da fala. Talvez, nos caiba apenas repetir o mantra kafkiano de que há esperança, mas não para nós, refêns que somos de nossa egoísta liberdade, ou, de forma mais positiva, seguirmos o raciocínio do pensador anglo-ganês, também ele de certa forma um sujeito em trânsito: “A produção cultural contemporânea de muitas sociedades africanas e as muitas tradições, cujas evidências permanecem tão vigorosas, são o antídoto à visão sombria do escritor pós-colonial.” (APPIAH, 21-2).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. “Será o Pós em Pós-Modernismo o Pós em Pós-Colonial?”. Tradução de Maria José Távares. Revisão de Manuela Ribeiro Sanches. Acesso em 01 de maio de 2013. Disponível em http://www.artafrica.info/novos-pdfs/artigo_22-pt.pdf.

ATTWELL, David. "The Problem of History in the Fiction of J. M. Coetzee", In: *Rendering Things Visible: Essays on South African Literary Culture*. Fall 1990. Ed. Martin Trump. Johannesburg: Ravan, 1990, p. 579-615.

ATTWELL, David. *J. M. Coetzee - South Africa and the Politics of Writing*. Berkeley: University of California Press, 1993.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CANÊDO, Letícia Bicalho. *A Descolonização da África e da Ásia*: processo de ocupação colonial, transformações sociais nas colônias, movimentos de libertação. 8ª ed. São Paulo: Atual; Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

COETZEE, J. M. *Vida e época de Michael K*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COETZEE, J. M. "Too late for politics. Two interviews with J. M. Coetzee, 1983-1987", In: *Buffalo Arts Review*. Tony Morphet. N° 6. Triquarterly 69. Spring 1987.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3ed. São Paulo: Loyola, 1996.

KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução e posfácio: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KAFKA, Franz. *O processo*. Tradução Syomara Cajado. São Paulo: Clube do livro, 1985.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Edit. Imago, 1991.

MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe (ed). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. "Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas", In: *Psicologia clínica*. Revista de psicologia Clínica da PUC-Rio. Vol. 20, n°1. Rio de Janeiro: 2008, p.65-82.

STRONGMAN, Luke. *The booker prize and the legacy of empire*. Cross / Cultures 54. Amsterdam / New York: Rodopi B.V. editions, 2002.

PETERSON, Michel. "Apresentação – Notas para um elogio do desfalecimento", In: PETERSON, Michel (Org.). *As armas do texto. A literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p.07-29.

SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Do pós-moderno ao pós-colonial - E para além de um e de outro". Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Portugal, 2004. Disponível em http://www.ces.uc.pt/misc/Do_pos-moderno_ao_pos-colonial.pdf. Acesso em 14 de maio de 2013.